

Índice

Parte Um	9
Parte Dois	187
Parte Três	301
Notas	405
Agradecimentos	409

Parte Um

1

Coitado do rapaz, não merecia aquilo. Aquele fato no funeral. Com o aparelho nos dentes, o desconforto supremo da adolescência. Em tais ocasiões, a pessoa quase poderia vir a lamentar o seu próprio brilhantismo social. Dá-lhe uma desculpa, ou pelo menos dá-lhe alguém para quem olhar com ar de súplica entre os apertos de mão da praxe. Deus o ajude... Quase vinte e três anos agora: Ivan, o terrível. Até custa a acreditar no fato que traz vestido. Deve tê-lo arranjado numa lojinha bafienta de coisas em segunda mão que angaria fundos para o hospício local, pagado em dinheiro e depois levado o fato na bicicleta, todo amarfanhado dentro de um saco de plástico reutilizável. Sim, aliás, isso faria todo o sentido, ligaria o fato em toda a sua resplandecente fealdade à personalidade do irmão mais novo, dez anos mais novo. Não que não tenha estilo, à sua maneira. Um certo à-vontade na sua indiferença absoluta pelo mundo material. Inteligência e beleza, disse uma tia em tempos. A propósito dos dois. Ou terá sido Ivan a inteligência, e Peter a beleza? Obrigadinho. Ele atravessa a Watling Street agora em direção ao apartamento que não é um apartamento, a casa que não é uma casa, uns onze ou doze dias após o funeral, de volta à cidade. De volta ao trabalho, tal como é. Ou, pelo menos, de volta à casa de Naomi. O que ela terá vestido quando lhe abrir a porta. Tira o telemóvel do bolso para a palma da mão assim que alcança o degrau da entrada, uma taticidade descontraída do ecrã que se ilumina sob os seus dedos, a digitar. À porta. Anoitece mais cedo agora, e ela deve ter

recomeçado as aulas. Não obtém resposta, mas ela vê a mensagem, e depois a sequência previsível, a tão familiar e por essa altura indiretamente excitante sequência de sons, enquanto do outro lado da porta de entrada ela sobe as velhas escadas da cave para o vestíbulo. Condicionamento típico: como é que demorou tanto tempo a perceber isso? Senso comum. Não, não é isso. Experiência do dia a dia. A relação entre memória e emoção. A porta a abrir-se.

Olá, Peter, diz ela.

Uma camisola de alças curta de caxemira, um fio de ouro fino. E calças de fato de treino pretas, justas nos tornozelos. Não daquelas com elástico, ela detesta isso. Descalça.

Posso entrar?, pergunta ele.

Descem as escadas até ao quarto dela sem se cruzarem com nenhum dos outros moradores. Luzes de fada brilham como pontinhos bruxuleantes na parede. Ele descalça-se, deixa os sapatos junto à porta. Portátil aberto em cima do colchão com os lençóis desmanchados. Aroma a perfume, transpiração e canábis. Em cujo ar mesclado todas as nossas compulsões se cruzam. Cortinados fechados, como de costume.

Por onde é que tens andado?, pergunta ela.

Ah. Infelizmente, surgiu algo.

Ela está a fitá-lo e depois já não está, com um sopro trocista. Foste numa férias de verão de última hora, foi?, pergunta-lhe.

Naomi, querida, responde ele numa voz simpática. O meu pai morreu.

Atónita, ela vira-se para ele, dizendo: O teu... Depois cala-se. Meu Deus, acrescenta. Oh, meu Deus, foda-se. Lamento imenso, Peter.

Importas-te que me sente?

Sentam-se os dois no colchão.

Meu Deus, repete ela. Depois: Estás bem?

Sim, acho que sim.

Ela está a fitar as plantas dos pés, cruzados em cima do colchão. Escurecidas com uma sujidade que nunca parece propriamente suja. Queres falar sobre o assunto?, pergunta.

Nem por isso.

Como é que está o teu irmão?

O Ivan, replica ele. Sabes que tem a tua idade?

Sim, já mo tinhas dito. Disseste que querias apresentar-nos um ao outro. Ele está bem?

Com carinho, irresistivelmente, Peter esboça um sorriso e, então, para evitar o espetáculo de sorrir com um carinho irresistível para Naomi, em vez disso sorri como que divertido para o interior do próprio pulso. Oh, ele está... Por acaso, não faço ideia nenhuma de como é que ele está. O que é que já te contei sobre ele?

Sei lá, disseste que era «bizarro» ou algo assim.

Sim, é completamente atípico. Não faz nada o teu género. Acho que deve ser um bocado autista, apesar de agora já não se poder dizer essas coisas.

Podes, sim, se for verdade.

Quer dizer, não tem diagnóstico, nem nada do género. Mas é um génio do xadrez, por isso... Peter recosta-se na cama e ergue o olhar para o teto. Não te importas, pois não?, acrescenta. Tenho de ir a um sítio não tarda nada.

Fora do campo de visão dele, a boca de Naomi diz: É na boa. Segue-se uma pausa. Ele brinca com a costura interna das calças de fato de treino dela. Ela estende-se ao seu lado, corpo e respiração quentes, o odor a café e a outra coisa qualquer. Os seios quentes debaixo da camisola de caxemira. Que ele lhe comprou, ou então o mesmo modelo mas noutra cor. «Cinzento-paris». Deixando-o acariciar-lhe a axila húmida com as pontas dos dedos. Um odor pastoso a desodorizante que pouco disfarça o cheiro acre a transpiração. Raramente rapa os pelos a não ser nas pernas, abaixo dos joelhos. Uma vez ele disse-lhe que, no seu tempo, as raparigas universitárias costumavam depilar as virilhas com cera. Isso fê-la rir-se. Perguntou-lhe se estava a tentar fazê-la sentir-se mal ou quê. De maneira nenhuma, replicou ele. É só um desenvolvimento interessante na cultura sexual. Ela está sempre a rir-se. Esses tempos do Tigre Celta devem ter sido uma loucura. Seja como for, tu gostas. E é verdade, ele gosta. Há algo de sensual nessa descontração dela. Pés frios. As plantas sempre negras de andar meio vestida pelo quarto, a fumar um charro, a falar ao telemóvel em alta voz. Ela agora murmura em surdina: Lamento imenso. Os dedos dele sob a caxemira. Os olhos

a fecharem-se. Tudo muito lânguido e nebuloso. A pele dela invisível sob as mãos dele, com esse característico toque macio e quase aveludado. Ele pergunta-lhe o que andou a fazer na sua ausência. Não obtém resposta. Ele torna a abrir os olhos e encontra os dela.

Escuta, diz-lhe ela. Sinto-me um bocado parva a contar-te isto. Mas aconteceu uma cena aqui há umas semanas. Tipo, para a faculdade, tive de comprar uns livros. E precisei de dinheiro. Não é importante.

Ele abana lentamente a cabeça. Ah, responde. Está bem. Podia ter-te dado uma ajuda, se tivesse sabido.

Pois, replica ela. Bem, não é como se tivesses respondido às minhas mensagens. Então franze os lábios num sorriso condoído. Desculpa, acrescenta. Não fazia ideia disso do teu pai, como é óbvio.

Não faz mal, responde ele. Não fazia ideia de que precisavas de dinheiro. Como é óbvio.

Entreolham-se uns instantes mais, envergonhados, impacientes, culpados. Então ela deita-se de costas. É na boa, diz ela. Nem tive de fazer nada, as fotografias já eram antigas. A sentir o corpo cansado e pesado, ele fecha os olhos. Deve ter sido um daqueles tipos que comentam em todas as publicações dela. O *emoji* do macaco a tapar os olhos. Ou um triste qualquer casado, com um cartão de crédito cuja existência a mulher desconhece.

Que grande merda, isso do teu pai, diz ela. Quando foi o funeral?

Na semana passada. Há duas semanas.

Os teus amigos foram todos?

Ele faz uma pausa. Todos não, responde. Após nova pausa: A Sylvia. E mais alguns.

Pelos vistos, não me quiseste lá.

Ele vira-se e observa o rosto dela de perfil. Lábios cheios entreabertos, constelação de sardas na maçã do rosto. Brinco de prata a cintilar na orelha. A imagem da beleza e juventude. Ele pergunta-se também quanto lhe terá pagado o tipo. Pois, replica. Pelos vistos, não.

Ela solta um riso forçado, sem olhar para ele. O que pensavas que iria fazer?, pergunta. Tentar seduzir o padre ou quê? Já fui a funerais, sabes?

Pensei que talvez perguntassem quem eras, responde-lhe ele. E o que é que eu iria dizer, que somos amigos?

E porque não?

Duvido que alguém acreditasse.

Obrigadinha, diz ela. Não tenho classe suficiente para ser tua amiga, é isso?

Não tens é idade suficiente.

A língua dela entre os lábios, agora, a sorrir. Tens uma mente um pouco perversa, sabes?, diz.

Sei, mas tu também.

Ela estende os braços, pensativa, e depois acomoda a nuca nas mãos. Tens namorada, é?, pergunta.

Por momentos, ele não diz nada. Porque, seja como for, ela pouco se importa e por que razão haveria de se importar? Pensa em responder-lhe: Já tive, em tempos. E agora talvez seja o momento para lhe contar sobre isso, não? Sobre o funeral e o depois. Não que tenha acontecido alguma coisa. Apenas o sentimento, a memória de um sentimento, que na verdade não foi nada. No carro, deu por si a murmurar estupidamente: Não me deixes sozinho com o Ivan, está bem. Foi por isso que ela ficou. Só por isso. Lá em cima, no antigo quarto de infância, a latejar contra ela, qual adolescente. Demasiado escuro, felizmente, para a olhar nos olhos. Ela dormiu ao seu lado, nada mais. Não há nada a contar. Na manhã seguinte, levantou-se antes dele. Na cozinha, no andar de baixo, com Ivan, a sussurrarem; ouvia-os do patamar. O que é que teriam para dizer um ao outro? Belo posto avançado para o cavalo na d5, não? E o mais certo seria ela dizê-lo mesmo, só para lhe dar conversa. Esquece lá isso.

Se tivesse, responde ele, porque é que estaria aqui contigo?

Virando o corpo para o encarar, ela leva a ponta do dedo ao fio dourado que usa ao pescoço. Porque tens uma mente um pouco perversa, ou já não te lembras?, replica.

Ele lembra-se, sim, e ao lembrar leva a mão ao pequeno rosto dela, a palma pousando-lhe no maxilar. Estará também a rir-se dele. Sim, claro, mas e será só isso. Na festa de aniversário dela, no verão, quando ele trouxe champanhe e ela bebeu da garrafa com os lábios pintados. Na cozinha, Janine, a amiga, disse sabes acho que ela gosta de ti, Peter. Diferente das outras, ele tem noção disso. Foi precisamente esse desafio que lhe agradou, quando a conheceu. No bar,

com o minúsculo vestido prateado, o cabelo quase até à cintura, o *piercing* vermelho no nariz cintilando sob as luzes. Os amigos dela mostraram-lhe a página *online*, fingindo querer saber se seria legal. Foda-se, pá, exclamou ela. Não lhe contem nada disso. Dando-lhe uma amostra então: inteligência animal. Só entre eles, percebeu-o logo. Diferente das outras. Homens que lhe enviam ameaças de violência sexual completamente dementes na *internet*, cabra de merda, eu mato-te, corto-te o pescoço. Enquanto perscruta a caixa de entrada do correio eletrónico, ela ri-se. Que vergonha. Ela está acima disso, do medo. Ele está convencido de que se acontecesse ela morreria a rir. Que estupidez não ter respondido às mensagens dela. Algumas até eram bastante agradáveis. A culpa é dele. Pergunta-se quanto necessitada de dinheiro estará ela e depois sente-se... o quê? Embaraçado, talvez. O costume. Ela está deitada de bruços, com a cabeça entre os braços. Uma coreografia familiar, ensaiada entre os dois e com outros, as duas coisas. Que lábios meus lábios beijaram. Não há mais ninguém, poderia ele dizer. Alguém, mas não. Desculpa. Amo-te. E a ela. Às duas. Não te preocupes. Não o digas. Por amor de Deus, não. Deus ordena-nos universalmente que nos amemos uns aos outros.

/

Já são nove quando por fim ele deixa a casa dela. Passam quatro minutos. Também um pouco pedrado, pois fumaram a seguir. Digita na caixa branca: Atrasado uns vinte minutos, desculpa. A escuridão fria envolve o ecrã iluminado. Árvores balouçam ramos mudos lá no alto, o elétrico passa rapidamente com rostos nas janelas. Ele bloqueia o telemóvel e guarda-o no bolso. A James's Street à noite. Tem de estugar o passo para tentar compensar pelo tempo perdido. Mas é um prazer, não é, numa noite fresca de setembro, em Dublin, caminhar com passadas largas ao longo de uma rua silenciosa. No auge da sua vida. É importante agora desfrutar desses prazeres efêmeros. Amanhã pode já cá não estar. Todos os dias acontece a alguém. E o homem ainda era novo, estavam sempre a dizer, tinha apenas sessenta e cinco anos. O próprio Peter já tem metade disso,

trinta e dois anos e seis meses. Com base nesses cálculos, já está na meia-idade. A rapidez com que tudo desaparece é absolutamente assustadora. Não, dirá ele, infelizmente o meu pai já não se encontra entre nós. As pessoas ficarão com pena, naturalmente, mas não chocadas. No caso de Ivan é diferente. É quase como se tivesse ficado órfão, para aquilo que a mãe de ambos fez por ele. Sabe Deus por que razão aqueles dois tiveram filhos. No funeral, ela murmurou para Peter: Olha-me a figura dele... E embora Ivan tivesse um aspeto realmente absurdo, e embora segundos antes o próprio Peter tivesse estado a pensar nesse aspeto absurdo de Ivan, retorquiu: Quer dizer, se calhar a aparência física não foi a principal preocupação dele esta semana. Christine a olhá-lo de relance. O seu elegante saia-e-casaco, feito de merino azul. Já a tua fatiota está mais do que bem, disse ela. Era sempre assim com ela. Ele evitou o seu olhar, observando Ivan junto à mesa das sandes com um ar miserável. Sim, replicou. Obrigado. A passar o banco agora, em direção à Thomas Street, e a resposta de Sylvia vibra-lhe dentro do bolso, junto à anca. Costumava ter um toque diferente para as mensagens dela, não era. Nos velhos tempos. A Dublin de outrora, etc. Já não se recorda de como era. Qual a marca ou o modelo do telemóvel, o peso dele na sua mão. Já deve estar obsoleto, já nem o devem fabricar. Poder ouvir aquele som mais uma vez, pensa. Sentir que a sua vida ficou eternizada algures e não esquecida, envolvendo-o, ainda comprimida protetoramente à sua volta. Viagens matinais de autocarro à rede interuniversitária. A preparar-se para o exame final num corredor traseiro, com o público sentado nos lugares. Os recordistas. Ambos desprezados, claro. Apaixonados um pelo outro e por si próprios. Agora no ecrã bloqueado: Tudo bem. Já comeste? Mulher sensata. Com certeza calçada com uns belos sapatos robustos e o casaco de *tweed* quente vestido. Não. Está só preocupada com ele. Vinte minutos de atraso e quer saber se ele já jantou. Vinte e cinco minutos. E, quer dizer, ela não é propriamente parva. Às vezes ele acha que a natureza e o grau de sofrimento dela a libertaram das frustrações triviais da mera inconveniência. Meia hora de atraso, e então. Se calhar, quando se passa a vida a entrar e a sair do hospital com uma agulha espetada no braço, essas coisas não têm grande importância.